

BIOFILIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CULTIVANDO O AMOR À VIDA DESDE A PRIMEIRA INFÂNCIA EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE ERECHIM (RS)

Luciana Angela Schneider ¹
Mariane Branco Barbosa ²
Débora Cristina Soares Rosa ³
Neila Carla Camerini ⁴

Resumo

A biofilia, o "amor à vida", é o eixo norteador do projeto educacional de uma escola municipal de Educação Infantil de Erechim (RS). Ela reconhece a necessidade inata do ser humano de se relacionar com o meio natural, promovendo experiências sensoriais ao ar livre, o contato com elementos naturais e o estímulo à curiosidade e ao encantamento pelo mundo vivo. O projeto desenvolvido na escola busca transformar o ambiente escolar em um espaço de conexão profunda com a natureza, promovendo o desenvolvimento integral das crianças, a consciência ambiental e o bem-estar por meio de experiências significativas. Este estudo tem como objetivo apresentar a experiência que a escola vem vivenciando com o referido projeto, descrevendo as principais mudanças percebidas até a etapa desenvolvida, bem como apresentar a importância da biofilia nesta etapa da Educação Básica. A pesquisa se fundamenta em Edward O. Wilson, que defende a afinidade inata dos seres humanos com a natureza e busca inspiração na abordagem de Emmi Pikler, enfatizando a liberdade de movimento e autonomia. Em termos metodológicos, trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa, com caráter descritivo dos dados coletados por meio de observação participante. Ao adotar a biofilia como projeto norteador, a escola de Educação Infantil se tornou um espaço de conexão com a vida, onde as crianças aprendem a amar, cuidar e respeitar o planeta, construindo um futuro mais sustentável para todos. Estes resultados são advindos desta experiência que vem sendo vivenciada no cotidiano escolar com o projeto em desenvolvimento. Conclui-se que a prática da biofilia tem papel fundamental no desenvolvimento das habilidades e competências das crianças. O estudo também propõe a repensar os espaços escolares para integrar a natureza nas escolas de Educação Infantil.

Palavras-chave: Biofilia, Educação infantil, Natureza, Consciência ambiental.

Introdução

No contexto educacional contemporâneo, em que a desconexão com o mundo natural

¹ Especialista em Psicopedagogia e Gestão Escolar pela Faculdade Educacional da Lapa (FAEL) e Graduada em Pedagogia e Biologia pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI), Erechim, luciana.schneider@erechim.rs.gov.br;

² Especialista em Educação Especial Inclusiva pelo Centro Universitário Ideau Passo Fundo e Graduada em Pedagogia pelo Curso de Pedagogia da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI), Erechim, marianebrancobarbosa@gmail.com;

³ Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Faculdade Anglicana de Erechim (FAE) e Graduada em Pedagogia pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), deh.crsoares@gmail.com;

⁴ Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu) da Universidade de Passo Fundo (UPF), Mestre em Educação pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), 140334@upf.br.



e sua essência se torna cada vez mais evidente, surge a necessidade de resgatar o contato com a natureza e seus elementos. A biofilia — termo de origem grega que significa o amor (philia) à vida (bio) —, conceito difundido por Edward O. Wilson (1984), traduz-se como a “afinidade inata dos seres humanos com a natureza” (s.p.), e serve de inspiração para uma nova abordagem pedagógica.

A biofilia pode ser compreendida como a tendência inata e profunda dos seres humanos de buscar conexões com a natureza. Essa afeição vai além do simples encantamento por belas paisagens, representando, segundo Wilson (1984), uma necessidade biológica fundamental. Nesse contexto, a natureza integra-se à promoção da saúde, pois, conforme Becker (2016 apud MANSUR, 2016), a biofilia⁵ — definida por ele como a conexão da alma com a natureza, expressa a atração natural que os seres humanos sentem por outros seres vivos. Além disso, o ambiente natural é considerado o espaço ideal para o brincar livre — atividade essencial ao desenvolvimento de habilidades na infância, como a criatividade, a autonomia e a interação social.

Ao longo de nossa vida e evolução, nosso bem-estar físico e mental foi moldado pela interação com o ambiente natural. Por essa razão, a proximidade e o contato com a natureza são essenciais para a saúde e o desenvolvimento (KELLERT, 1993). Este estudo propõe-se a explorar a implementação dessa proposta na Escola Municipal de Educação Infantil Maria Clara⁶ demonstrando como o contato com o meio ambiente pode ser o alicerce para uma educação transformadora.

A infância é um período sensível ao desenvolvimento de vínculos afetivos com o mundo natural. A biofilia, entendida como o amor à vida e à natureza (WILSON, 1984), constitui-se como eixo fundamental na construção de práticas pedagógicas que valorizem essa conexão essencial. Na Educação Infantil, promover o contato direto com a natureza não apenas potencializa aprendizagens significativas, mas também contribui para o desenvolvimento integral das crianças. Nesse contexto, a EMEI Maria Clara tem desenvolvido, desde o início do ano letivo, um projeto pedagógico pautado na biofilia.

A justificativa para a realização desse projeto surgiu da percepção da própria equipe pedagógica acerca dos interesses genuínos das crianças. Observou-se o encanto delas pelos

⁵ Para Rosa (2014, p. 114), biofilia é uma espécie de “laço humano com tudo que é vivo”; segundo o Dicionário Aurélio², significa: 1. Amor à vida; 2. Instinto de conservação; 3. Teoria do biólogo norte-americano Edward O. Wilson, que propõe uma afinidade inata do ser humano com os demais seres vivos¹.

⁶ Escola localizada no município de Erechim-RS. Conta com 223 crianças matriculadas e 23 professores. Dados institucionais referentes ao ano letivo de 2025. Informação fornecida pela equipe gestora.



elementos naturais presentes no ambiente escolar, como folhas, gravetos, geada, borboletas e insetos que aparecem no pátio. Essa curiosidade espontânea serviu como ponto de partida para a formalização de um projeto que incorporasse a biofilia como um dos eixos norteadores. Afinal, “como podemos ter uma educação não ambiental, se desde o dia do nosso nascimento até o dia de nossa morte vivemos em um ambiente?” (GRÜN, 2003, p. 2).

O Projeto Político-Pedagógico da escola está sendo reformulado com o propósito de criar um ambiente educacional em que a curiosidade e o encantamento pela vida sejam a força motriz do aprendizado. Para isso, está sendo integrada ao documento a biofilia, uma hipótese que reconhece a conexão inata entre os seres humanos e a natureza. Ao inserir elementos naturais, texturas orgânicas e o contato com a vida em nossos espaços, cultivamos não apenas a inteligência, mas também o bem-estar e a criatividade.

Nosso objetivo é que a escola se torne um ecossistema vivo, em que cada descoberta — seja em sala ou ao ar livre — estimule o desenvolvimento integral dos estudantes, pois é “construindo um projeto educativo que entrelace o ‘dentro’ e o ‘fora’ no cotidiano que podemos superar os espontaneísmos e sustentar, nos meninos e nas meninas, sustentabilidade biofílica e aprendizagens naturalísticas [...]” (BARBIERO; BONACCINI; SHENETTI, 2025, p. 19). Assim, agindo em sintonia com a ecologia, essas ações possibilitam o florescimento de uma educação *green*, orientada para as próximas gerações (BARBIERO; BONACCINI; SHENETTI, 2025).

Inspirado pela teoria de Wilson (1984) e pela pedagogia de Emmi Pikler (2011), que valoriza a autonomia e a liberdade de movimento, este estudo descreve como a escola se tornou um espaço de experiências sensoriais ricas e significativas. Nesse cenário, a pesquisa, de cunho qualitativo e descritivo, documenta as transformações perceptíveis no cotidiano escolar, evidenciando o impacto da biofilia no desenvolvimento integral das crianças.

Ao defender a liberdade de movimento e a autonomia, Pikler (2011) ensina sobre a importância de preparar ambientes que permitam à criança explorar e interagir com o mundo de forma independente e segura. Nesse sentido, ao abraçar a biofilia, a escola transforma o ambiente natural em um espaço no qual o protagonismo infantil se desenvolve. Para Pikler (2011), o respeito ao ritmo individual e a criação de ambientes seguros e instigantes favorecem o desenvolvimento motor, emocional e social das crianças.

Elementos naturais, animais e insetos tornam-se ferramentas de aprendizado,



convidando as crianças à observação, à percepção, à formulação de hipóteses, à imaginação e à exploração. A ausência de intervenção constante do educador, aliada à riqueza do ambiente natural, sustenta a curiosidade, a autoconfiança, a criatividade e o senso de pertencimento das crianças, potencializando seu desenvolvimento integral. Conforme Pikler (2011), “Não a ajude a fazer o que ela é capaz de fazer sozinha” (p. 121), enfatizando que a autonomia e a liberdade são essenciais para o desenvolvimento infantil.

Dessa forma, a biofilia e a pedagogia de Pikler (2011) se complementam, formando uma base teórica robusta que justifica e valoriza a importância de projetos que utilizam a natureza na educação das crianças. Percebe-se, assim, que a criança é o centro do planejamento pedagógico.

A proposta pedagógica desenvolvida na escola busca o *desemparedamento da infância*⁷ (TIRIBA, 2010), rompendo com conceitos tradicionais do ambiente escolar. Nesse contexto, a biofilia oportuniza explorações ao ar livre e a interação com seres vivos, permitindo que o aprendizado ocorra por meio da conexão com o natural. Conforme Louv (2016), o contato com a natureza é necessário para a saúde física e emocional.

Diversos estudos apontam que a relação direta com a natureza potencializa o desenvolvimento integral das crianças, favorecendo competências socioemocionais, habilidades cognitivas, autonomia, criatividade e consciência ambiental (CORTÊS; ANCHIETA; BARROS, 2025). O brincar ao ar livre e o contato com o mundo vivo ampliam as possibilidades de exploração e aprendizagem. Segundo Louv (2016), a falta de contato com a natureza pode gerar um “transtorno de déficit de natureza”⁸, com impactos negativos na saúde e no comportamento infantil, pois é preciso “colocar o coração no ritmo da terra”, expressão usada pelo líder indígena Ailton Krenak⁹ que visa à preservação do planeta por meio da educação.

Ao vivenciar essa pedagogia do *desemparedamento* (TIRIBA, 2010), as crianças são incentivadas a se tornarem protagonistas, sensíveis e defensoras do ambiente natural. O projeto, em seu desenvolvimento, cultiva respeito e admiração pelo planeta em que vivemos e, em sua essência, oferece condições e recursos naturais para que as crianças criem um

⁷ Desemparedar as crianças nos traz a ideia de usar os espaços externos dentro e fora das escolas nas práticas pedagógicas e descobertas, permitindo que construam relações saudáveis em seus territórios na natureza e com a natureza.

⁸ Richard Louv utiliza esse conceito em sua obra *A última criança na natureza* (2016) para descrever os impactos negativos da falta de contato das crianças com a natureza.

⁹ Ailton Krenak defende que a natureza é parte intrínseca de tudo, criticando a visão que separa o ser humano do meio ambiente.



vínculo afetivo com a natureza, pois “[...] só é possível preservar aquilo que amo, e só é possível amar aquilo com que me relaciono concretamente” (TIRIBA, 2018, p. 22). Dessa forma, a educação biofílica possibilita o contato com a vida, a formação de identidade, a apropriação da autonomia e [...] o conhecimento em contato com outros seres vivos.

Na Educação Infantil, a oportunidade de explorar a natureza é pensar que a escola desenvolve uma cultura que permite às crianças se conectarem diretamente com o mundo vivo, cultivando o amor pela vida, vínculo este que se projeta para o futuro. De acordo com Tiriba (2010), em uma cultura que fragmenta o conhecimento e a existência humana, é essencial que a Educação Ambiental, desde a primeira infância, atue como um processo de reconexão. Isso significa unir o ser humano e a natureza, a razão e a emoção, o corpo e a mente, além do conhecimento e a vida. A autora enfatiza, ainda, a necessidade de uma educação ambiental na infância baseada no cuidado, respeitando tanto a diversidade cultural quanto a biodiversidade.

Essa abordagem pedagógica ajuda a transformar o ambiente educacional em um espaço onde a afinidade pela vida é nutrida e valorizada, promovendo a consciência ambiental e o respeito pelo planeta.

Considerando que as crianças de hoje passam, muitas vezes, a maior parte do dia na escola, Tiriba (2005) indaga como esse estilo de vida, afastado da natureza, se reflete e se perpetua nas práticas pedagógicas da Educação Infantil. Tiriba (2005, p. 108) observa que a maioria do público da Educação Infantil chega à escola enquanto bebês e ali permanece: “[...] pode-se dizer que, até esta época, a vida delas é aqui”. Vale perguntar, então: “No cotidiano das instituições de educação infantil, as crianças estariam mais distantes ou mais próximas da natureza?”

Essa reflexão se estende à análise de como as “[...] rotinas possibilitariam um contato mais estreito com o mundo natural? O que há aí: terra, árvores, água, areia, o quê? Como as escolas se relacionam com isto que existe de natureza para além dos humanos?” (TIRIBA, 2005, p. 108). Ao refletir sobre o papel da Educação Infantil, Tiriba (2005) questiona a relação das crianças com a natureza. Integrar a natureza ao ambiente escolar é uma forma de nutrir essa conexão intrínseca com o mundo natural.

Evidenciando o impacto que a desconexão com o meio natural pode causar no desenvolvimento infantil, a EMEI Maria Clara desenvolve, junto a seus professores e crianças, projetos voltados à biofilia. Essas iniciativas incentivam a exploração ao ar livre,



promovendo o contato direto com seres vivos e elementos da natureza, pois, segundo Tiriba (2024, p. 14), “ninguém será capaz de amar o que não conhece; ninguém será capaz de preservar uma natureza com a qual não convive”.

Para Tiriba (2005), ao considerar que as crianças são seres ligados à natureza, é importante repensar e transformar as rotinas pedagógicas que priorizam ambientes fechados. O ideal é promover o contato diário com o mundo externo, pois, desde os primeiros dias na Educação Infantil, esse espaço pode ser o ponto de partida para vivências significativas. Grandes bacias com água no pátio podem ser utilizadas para que as crianças se divirtam dando banho em bonecas, brincando dentro das bacias ou simplesmente enchendo e esvaziando recipientes. Em dias de calor, banhos de chuva e mangueira são ótimas alternativas para incentivar essa interação, remetendo à alegria genuína que essas atividades proporcionam, assim como “a possibilidade de estar neste lugar que pode promover o encontro com aquilo que verdadeiramente importa a cada criança ou ao grupo e, portanto, será capaz de mantê-las interessadas” (FREINET, 1979, p. 85).

É essencial reinventar a rotina, os espaços e as práticas pedagógicas na Educação Infantil, para garantir que as crianças tenham contato com o natural, fortalecendo laços com o meio ambiente e promovendo uma rotina que vá além dos limites físicos da escola. Afinal, “[...] brincar na chuva, comer goiaba tirada do pé, ouvir o canto de um pássaro, observar as nuvens brincando no céu... que ensinamentos, que aprendizagens, que estados de espírito essas experiências propiciam?” (TIRIBA, 2005, p. 6).

A transformação é necessária para assegurar que as crianças tenham contato direto com o mundo externo, fortalecendo a conexão com a natureza. Ao expandir as vivências e descobertas para além dos limites físicos da escola, o professor proporciona experiências ricas e significativas.

David Sobel (1996) defende a importância de respeitar a fase de encantamento das crianças com a natureza, evitando abordagens ambientalistas prematuras e excessivamente racionais. No Brasil, Paulo Fochi (2017) resalta a potência dos espaços exteriores como territórios de investigação infantil, nos quais a natureza é compreendida como coautora do processo educativo. Já Friedmann (2011) destaca a necessidade de escutar as crianças e promover ambientes que respeitem sua poética e sua conexão com o mundo natural.

A Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018) também reconhece o contato com a natureza como essencial para o desenvolvimento integral na primeira infância,



ênfatisando a importância das experiências corporais, sensoriais e expressivas.

Pensando na perspectiva de “avançar no estudo e nas proposições da relação entre crianças e natureza, evidenciando a importância dos espaços ao ar livre e do contato diário e frequente com elementos naturais” (DOTME, 2021, p. 101), a EMEI Maria Clara abraça essa temática e desenvolve, em suas práticas pedagógicas, vivências que atendem a essa questão, tornando a biofilia um dos eixos norteadores de seus projetos educacionais.

Esse eixo que conduz os projetos da escola também considerou dois documentos internacionais e nacionais: a Agenda 2030 da ONU, que busca garantir que a educação prepare os estudantes com competências necessárias para promover o desenvolvimento sustentável e estilos de vida conscientes. O segundo, o JRC¹⁰ GreenComp, foca no desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e atitudes voltadas para uma mentalidade de sustentabilidade, incentivando ações empáticas e responsáveis em relação ao planeta (BARBIERO; BONACCINI; SHENETTI, 2025).

A experiência tem transformado os espaços e as relações no ambiente escolar, promovendo vivências sensoriais ao ar livre, interações com elementos naturais e o estímulo à curiosidade e ao encantamento pelo mundo vivo. Ao imergir na prática diária da escola por meio da observação participante, este trabalho tem como objetivo apresentar os resultados obtidos com o projeto, reforçando a importância fundamental da biofilia na primeira infância.

Metodologia

O presente estudo adota uma abordagem metodológica qualitativa, com caráter descritivo, que visa aprofundar a compreensão da experiência pedagógica desenvolvida. Essa escolha metodológica, conforme Minayo (2001, p. 21), é ideal para “trabalhar com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes”, permitindo intensificar a complexidade do acontecimento estudado.

A coleta de dados foi realizada por meio da observação participante, uma técnica que possibilitou um olhar minucioso sobre o cotidiano da escola. Essa metodologia exige do pesquisador a capacidade de “se colocar no lugar do outro” (MINAYO, 2001, p. 119), para sentir a essência da realidade investigada. A abordagem requer ainda um “olhar sensível”, capaz de perceber as nuances do cotidiano local, as interações e os sentidos que se apresentam nas ações dos participantes, possibilitando uma escuta atenta e uma percepção detalhada sobre

¹⁰ O JCR *GreenComp* é o Quadro Europeu de Competências em Sustentabilidade, desenvolvido pelo Centro Comum de Pesquisa (JRC) da Comissão Europeia



as interações das crianças com o meio natural e com o projeto.

A observação contínua, registrada de forma cuidadosa, torna-se fundamental para a análise das descobertas, dos sorrisos e do envolvimento das crianças nas atividades. Para enriquecer essa documentação, o uso de fotografias mostrou-se um recurso essencial, capturando momentos que expressam a potencialidade da biofilia no desenvolvimento e na aprendizagem infantil. A partir dessas evidências, foi possível traçar um panorama das mudanças percebidas no cotidiano escolar, evidenciando o efeito transformador do contato com a natureza e do amor pela vida.

Resultados e Discussão

A investigação realizada na EMEI Maria Clara, em Erechim, norteadas pelo tema da biofilia, revelou que o contato com a natureza transformou o processo de aprendizagem, colocando a criança no centro do planejamento pedagógico. Os resultados demonstram que, ao serem imersas em contextos naturais, as crianças desenvolveram um forte senso de pertencimento ao ambiente escolar, às escolhas e às explorações, tornando-se protagonistas ativas na construção do próprio conhecimento.

Essa abordagem pedagógica, centrada no amor à vida, proporcionou o desenvolvimento da autonomia infantil. As crianças, em sua liberdade para criar, explorar e interagir com a natureza, insetos e pequenos animais, construíram aprendizagens significativas, guiadas por seus interesses e curiosidades genuínas. Concordamos com Rinaldi (2016), que defende a importância de ambientes que incentivem a criatividade e a construção autônoma do conhecimento. As vivências em ambientes naturais ofereceram espaços de exploração e investigação, em consonância com o que preconizam as DCNEIs.

O processo de descobertas em ambientes naturais estimulou a interação, a curiosidade e a ampliação do repertório linguístico. A necessidade de dialogar com seus pares levou as crianças a se expressarem e a se comunicarem, criando hipóteses e socializando. O docente, em parceria com a coordenação pedagógica, planeja espaços propícios para essa interação e permite que o aprendizado aconteça de forma orgânica.

A reconfiguração de práticas e espaços implicou na revisão de documentos, como o Projeto Político-Pedagógico, bem como do planejamento e da rotina, a fim de incorporar experiências que promovam a conexão das crianças com a natureza.

Para Kellert (1993), essa predisposição deve ser cultivada em contextos educativos, de



modo a fortalecer valores de cuidado, pertencimento e responsabilidade socioambiental. Nesse sentido, a escola, ao adotar a biofilia como princípio estruturante, aproxima-se de uma perspectiva que integra ciência, ética e estética em sua prática pedagógica.

O processo de introdução da proposta junto às profissionais da escola ocorreu em um contexto formativo experiencial, realizado em um parque natural da cidade. Tal escolha buscou possibilitar vivências diretas na natureza, favorecendo a compreensão da dimensão sensível e filosófica que fundamenta o trabalho pedagógico. De acordo com Capra (1996), a aprendizagem torna-se mais significativa quando se estabelece por meio de experiências integradoras, nas quais o conhecimento racional é articulado às dimensões afetivas e relacionais.

Foi elaborado um plano de ação de modo a oferecer clareza e intencionalidade às práticas docentes, considerando a diversidade que a biofilia proporciona, a integração com os objetivos curriculares da Educação Infantil, conforme orientam as DCNEIs, e o Documento Orientador do Território Municipal de Erechim (DOTME), que enfatiza a necessidade de promover interações, brincadeiras e experiências que ampliem a compreensão das crianças sobre o mundo natural e social.

A adoção desse percurso pedagógico permitiu consolidar a biofilia nas práticas educativas, ampliando o repertório de experiências infantis e promovendo aprendizagens contextualizadas, significativas e sustentadas por valores socioambientais. Nesse processo, a escola reafirma seu compromisso com a formação integral das crianças, aliando conhecimento científico, sensibilidade estética e responsabilidade ecológica.

Estratégias pedagógicas adotadas

A escola sustenta-se em elementos norteadores para propor a biofilia como eixo de seus projetos pedagógicos. Conforme Barbiero, Bonaccini e Shenetti (2025), esses elementos, passos ou ações servem como diretrizes para amparar o planejamento inovador.

As estratégias implementadas incluem vivências sensoriais ao ar livre, cultivo de horta, trilhas nos arredores da escola, criação de espaços verdes internos e uso de materiais naturais nas atividades diárias. O foco está em permitir que a criança explore, toque, cheire, observe e interaja com elementos do mundo vivo, desenvolvendo, assim, o encantamento e o cuidado com a vida.



Participação das crianças e papel do professor como facilitador da aprendizagem

As crianças se mostram protagonistas nas atividades, expressando curiosidade, alegria e iniciativa frente às propostas. O professor atua como facilitador, observando, escutando e propondo desafios significativos, sempre respeitando o tempo e as escolhas dos pequenos. Essa postura pedagógica, inspirada em Pikler (2011), fortalece o vínculo e a autonomia infantil.



Figura 1: Fonte própria

Considerações finais

O presente estudo reforça que a biofilia é uma necessidade no planejamento da Educação Infantil. Ao romper com a tradição de espaços fechados, a escola demonstrou que a integração da natureza no cotidiano escolar, fundamentada em Edward O. Wilson (1984), Emmi Pikler (2011) e Tiriba (2018), nutre a afinidade inata das crianças com o mundo natural.

Quando a biofilia é integrada ao cotidiano escolar, os estudantes desenvolvem uma consciência ambiental mais profunda e duradoura. O convívio diário em um ambiente escolar que abraça a natureza e valoriza a vida natural cria um senso de responsabilidade e cuidado. Esse projeto transforma a relação das crianças com o meio ambiente, incentivando-as a se tornarem agentes de mudança por meio da prática.

Essa abordagem, ao promover o "desemparedamento da infância", permite que as crianças se tornem protagonistas de seu próprio aprendizado, desenvolvendo autonomia, criatividade e consciência ambiental. O contato direto com a natureza mostra-se uma ferramenta essencial para a formação de indivíduos capazes de amar, cuidar e respeitar o planeta. Em última análise, conclui-se que o contato com o meio ambiente na primeira infância é fundamental para a formação de cidadãos mais engajados e responsáveis, alinhados com os desafios da sustentabilidade global. A experiência desenvolvida pela Escola Municipal de Educação Infantil de Erechim comprova a potência da biofilia como princípio estruturante de um projeto pedagógico comprometido com a infância e com o planeta. Este estudo reforça a importância de repensar os espaços e as práticas escolares para garantir que as crianças possam crescer em conexão com a vida em todas as suas formas. A biofilia torna-



se, assim, um modo de ser, educar e transformar o mundo.



Figura 2: Fonte própria

Referências

BONACCINI, Sabrina; SHENETTI, Michela; BARBIERO, Giuseppe (Orgs.). *Observar, projetar, educar na natureza*. São Paulo: Diálogos Embalados, 2023. ISBN 978-65-98535-96-4.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil*. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 7 ago. 2025.

CAPRA, F. *A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. São Paulo: Cultrix, 1996.

CORTÊS, Mirella; ANCHIETA, Yara Pereira de; BARROS, Átila. *A influência da natureza no desenvolvimento e na aprendizagem da educação infantil*. Revista Tópicos, 30 maio 2025. Disponível em: <https://revistatopicos.com.br/artigos/a-influencia-da-natureza-no-desenvolvimento-e-na-aprendizagem-da-educacao-infantil>. Acesso em: 23 set. 2025.

FOCHI, Paulo. *Didática na Educação Infantil: o que os bebês e crianças bem pequenas têm a nos ensinar?* Porto Alegre: Penso, 2017.

FRIEDMANN, Adriana. *A vez e a voz das crianças: escutas antropológicas e poéticas em contextos educativos*. São Paulo: Panda Books, 2011.

FREINET, Elise. *O itinerário de Célestin Freinet: a livre expressão na pedagogia Freinet*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

GRÜN, Mauro. *A outriedade da natureza na educação ambiental*. ANPED, GT 22, 2003. Disponível em: <https://anped.org.br/wp-content/uploads/2024/05/gt07-2304.pdf>. Acesso em: 23 out. 2025.

KELLERT, Stephen. In: KELLERT, Stephen; WILSON, Edward (Org.). *The Biophilia Hypothesis*. Washington: Island Press, 1993.



LOUV, Richard. *A Última Criança na Natureza: Salvando Nossas Crianças do Transtorno de Déficit de Natureza*. São Paulo: Aquariana, 2016.

MANSUR, Alexandre. *O pediatra que receita natureza para a saúde das crianças*. Época, 25 nov. 2016. Disponível em: <https://epoca.globo.com/ciencia-e-meio-ambiente/blog-do-planeta/noticia/2016/11/o-pediatra-que-receita-natureza-para-saude-das-criancas.html> . Acesso em: 15 set. 2025.

MELLO, Selma Garrido Pimenta de; CUNHA, Maria Isabel da. *Pesquisa em educação: fundamentos e métodos*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

PIKLER, Emmi. *Mover-se em liberdade: desenvolvimento e aprendizado da criança pequena*. São Paulo: PHorte, 2011.

ROSA, Mariana. In: SILVA, Aida; TIRIBA, Léa (org.). *Natureza e escola: percepções infantis e currículo: notas sobre a educação ambiental na perspectiva da Educação em direitos humanos*. São Paulo: Cortez, 2014.

SOBEL, David. *Beyond Ecophobia: reclaiming the heart in nature education*. Great Barrington: The Orion Society, 1996.

TIRIBA, Lia. *A potência do corpo e da corporeidade nas práticas e vivências*. 2017. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/618517699/A-potencia-do-corpo-e-da-corporeidade-nas-praticas-e-vivencias> . Acesso em: 23 set. 2025.

TIRIBA, L. *Educação infantil como direito e alegria: em busca de pedagogias ecológicas, populares e libertárias*. 1º ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

TIRIBA, L. In: GENTILI, Pablo (Org.). *Educação e alegria: o desemparelamento da infância*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-%20pdf/7161-2-9-artigo-mec-criancas-natureza-lea-tiriba/file> . Acesso em: 23 ago. 2025.

WILSON, Edward O. *Biophilia*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1984.

Documentos institucionais e online:

BRASIL. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI)*. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br> . Acesso em: 20 ago. 2025.

MUNICÍPIO DE ERECHIM. *Documento Orientador do Território Municipal de Erechim (DOTME)*. Erechim, 2021. Disponível em: <https://www.pmerechim.rs.gov.br/pagina/1570/resolucao-n-592019-e-o-dotme> . Acesso em: 23 ago. 2025.

